

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Uma reflexão sobre o método da narrativa histórica e sobre a produção de documentos historiográficos: dois exemplos com entrevistas e com o uso de textos memorialistas

Cristina Aparecida Reis Figueira *

Resumo: A narrativa histórica ancora-se no “documento” seja escrito, imagético ou oral. Os artigos jornalísticos, os textos biográficos entre outras fontes emprestam autoridade ao trabalho realizado pelo historiador na reconstituição do tempo vivido. Quando a sua tarefa é a reconstrução da trajetória de vida de um indivíduo, o historiador de ofício considera as situações concretas nas quais o seu personagem, objeto de sua investigação encontra-se inserido. Os vestígios desta vida investigada, estão espalhados e uma vez selecionados são organizados e categorizados de acordo com os seus interesses de pesquisa. O processo de construção da narrativa traz as afinidades e adesões do historiador imprimindo no texto produzido as marcas de sua formação acadêmica. Em seu trabalho de investigação, este na posição do contador da história, pode se valer da produção de documentos, como é o caso da realização de entrevistas ou, também do diálogo historiográfico com textos memorialistas. A presente comunicação tem como proposta discutir estes procedimentos da pesquisa historiográfica a partir de exemplos de entrevistas e de textos memorialistas.

Palavras-Chave: narrativa histórica, documentos historiográficos, textos memorialistas

Abstract: the historical narrative is based in “documents” whether they are written, magnetic or oral. The journalistic articles, the biographical texts and other sources borrow authority to the work done by the historiographer in the reconstitution of lived times. When the task is the reconstruction of a life trajectory, the historiographer considers the concrete situations in which his character which is his investigation object is inserted. The vestiges of this investigated life are spread out, so, once selected they are organized and categorized according to the interests of the research. The construction process of a narrative carries the affinities and adhesions of the historiographer transferring to the produced text the marks of his academic formation. In his investigation work, in the position of a story teller, he can use the production of documents, as in the case of the interviews, or even a historiographer dialog with the memory texts. This work has the objective of discussing these procedures of the historiographical research starting from examples of interviews and memory texts.

Key words: historical narrative, historiographical documents, interviews

Introdução

Este texto é destinado ao eixo temático História, memória e narrativa do XXIV Simpósio Nacional de História, 2007. Apresenta reflexões sobre alguns procedimentos do trabalho do chamado historiador de ofício na tarefa de reconstituição da trajetória de vida de um indivíduo-personagem tomado como objeto de estudo. Dentre as várias possibilidades de

* Doutoranda em Educação: História Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

trabalho com fontes documentais da pesquisa historiográfica, a realização de entrevistas e o diálogo com textos memorialistas pretende ser o foco desta comunicação. Inicialmente, o texto apresenta destaques de pesquisas historiográficas focalizadas na reconstituição de trajetórias de vida, elaboradas como narrativas históricas ou participantes do chamado retorno do gênero biográfico. Trata-se de exemplos de pesquisas em que o indivíduo investigado foi transformado em personagem-objeto de estudo em um contexto mais amplo. A partir de comentários compatíveis ao espaço destinado a esta comunicação, pretendo destacar o uso de entrevistas e o diálogo com textos memorialistas, como dispositivos, comumente acompanhados do manejo com uma diversidade de outras fontes historiográficas. Em seguida, o texto ocupa-se em compartilhar a experiência de pesquisa que venho realizando desde 2005, para a reconstituição da trajetória de vida do professor José Rodrigues Leite e Oiticica, catedrático na disciplina Português no Colégio Pedro II entre os anos de 1916 e 1952, com destacada participação nas ações das correntes anarquistas. Mais especificamente, o relacionado ao tratamento das entrevistas coletadas na pesquisa.

Biografias, narrativas históricas no recente debate historiográfico

Loriga (1996: p. 225), ao problematizar o gênero biográfico, discute que o retorno da biografia na historiografia constitui-se em um movimento internacional e perceptível em diversas correntes recentes, tais como a nova história francesa, o grupo contemporâneo de historiadores britânicos de inspiração marxista, a micro-história italiana, a psico-história, a nova história cultural norte americana, a historiografia alemã recente, sendo uma característica marcante em todas elas o interesse pela reconstituição de trajetórias singulares.

Para essa autora, foi “o desejo de estender o campo da história, de trazer para o primeiro plano os excluídos da memória” que proporcionou a reabertura do debate sobre o valor do método biográfico. Porém, a autora informa lembrando Le Goff que grande parte dos estudos biográficos ainda assumem uma forma de biografia tradicional superficial, anedótica, puramente cronológica incapaz de mostrar a significação histórica geral de uma vida individual e que “a biografia histórica deve se fazer, ao menos em um certo grau, relato narração de uma vida, ela se articula em torno de certos acontecimentos individuais e coletivos – uma biografia não événementielle” (LE GOFF, apud Loriga: p.226).

A historiografia brasileira também participa desse retorno ao gênero biográfico. A título de exemplo posso citar dois trabalhos em que as pesquisadoras fizeram uso de uma diversidade de fontes e, principalmente da entrevista participativa na elaboração de suas pesquisas. O primeiro, da historiadora Margareth Rago (2001) que, na proposta da história

narrativa, reconstitui a trajetória de vida da militante anarquista Luce Fabbri (p.18-19). O segundo exemplo é a biografia de Mônica Veloso (1997), *Mário Lago: boemia e política* que, com o mesmo recurso da entrevista participante, ou seja, com a discussão constante entre autor e personagem.

Margareth Rago (2001: p. 30) nos conta em seu livro *Entre a história e a liberdade – Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo* que desenvolveu um intenso trabalho de coleta de entrevistas, por vezes “interrompidas para os cafês e as ‘massitas’ que nos trazia sua secretária Madalena, ou sua neta Olga”. A autora nos fala sobre as suas escolhas metodológicas no processo de elaboração de sua narrativa enfatizada no anarquismo feminino, destacando o uso de inúmeros documentos e de entrevistas com sua personagem a militante ácrata Luce Fabbri, vejamos:

Escolhi falar da militante e intelectual libertária Luce Fabbri e dar a conhecer momento de sua vida e de sua produção intelectual, a partir de sua própria memorização do passado, assim como por meio dos inúmeros textos, entre folhetos, artigos de jornal e revista, entrevistas e resenhas que publicou. No entanto, não para escrever uma história totalizadora das muitas décadas em que transcorre sua vida, que abrange todo o século XX (...) Nesse sentido, minha proposta é a de contar, tanto quanto possível, uma história do anarquismo no feminino, tendo como lugar de observação a memória de uma “militante histórica”, sua própria leitura e construção do passado.

Mônica Veloso relata que a cada passo, a cada capítulo, a cada interpretação, com ajuda de toda a família de Mário Lago, construiu uma história narrativa a partir de “flashes que iam iluminando ora o homem de teatro, ora o compositor, o homem da tevê etc. [...] uma narrativa temática [na] tentativa de entrecruzar sua história [de Mario Lago] com a história da cidade [do Rio de Janeiro] e da nacionalidade” (p.10).

Nos exemplos de pesquisa de Magareth Rago e de Mônica Veloso houve o recurso da entrevista participativa. A estas pesquisadoras foi possível relacionar-se intersubjetivamente com seus biografados. A biografia de Jacques Le Goff precisou lançar mão de outros dispositivos com novos usos, novas abordagens de fontes documentais da pesquisa historiográficas. O debate historiográfico recente oferece criativos exemplos sobre como proceder quando não existe mais a possibilidade de entrevistar o biografado. Uma vida em reconstituição, repleta de acontecimentos oferece diferentes possibilidades para indagações históricas e, nesse sentido, ao pesquisador cabe decidir sobre qual história pretende narrar. No caso da pesquisa de Margareth Rago, o anarquismo feminismo foi o pano de fundo que iluminou a sua personagem em estudo. O modernismo carioca serviu de cenário para iluminar *flashes* da vida de Mário Lago.

Em geral, pesquisas que compõem com a tradição de privilegiar o uso de fontes primárias trazem como características a formulação de perguntas, a definição de cenário e as decisões sobre o que se deseja investigar, serem movimentos de pesquisa decorrentes da aproximação do pesquisador com a documentação em exame. Os olhares para os achados historiográficos estão intrinsecamente ligados às opções metodológicas feitas pelo pesquisador. O material de pesquisa fornece os indícios, as pistas, os sinais do que tratou o historiador italiano Carlo Ginzburg, caracterizado por seus pares como um pesquisado da chamada micro-história.

Em seu livro *Mitos, emblemas e sinais - morfologia e história*, o autor reuniu ensaios escritos entre 1961 e 1966, publicados pela primeira vez em 1986. No artigo *Sinais – raízes de um paradigma indiciário* é um interessante exemplo em que se pode encontrar a chave para compreensão dos procedimentos historiográficos utilizados por Ginzburg. De acordo com a sua perspectiva, a história não pode ser contada por meio de uma explicação linear, mas ela pode ser construída a partir dos indícios, das pistas e dos sinais.

Para este pesquisador a história ancora-se no paradigma indiciário, cuja construção se deu no final do século XIX, relacionando os saberes da psicanálise, da criminologia e da historiografia no que diz respeito à decifração de pistas, ou seja, da busca de coisas concretas e ocultas por meio de elementos que normalmente passariam despercebidos. É na observação desses aspectos que se podem atingir determinadas características da dinâmica social (Ginzburg: 2001, p. 150).

A idéia de narração é oriunda da sociedade dos caçadores, na experiência de ler as pistas mudas deixadas por sua presa. O autor faz uso da metáfora da caça, na idéia de decifrar pistas, para indicar a possibilidade de o historiador delimitar áreas, rastrear pegadas, percursos trajetórias (2001: p.151-152). Em seu paradigma indiciário, o passado é apresentado como um enigma a ser decifrado pela análise do historiador.

Duby (1988: p. 89) estabelece claramente a relação entre esse modelo e a história, observando que o historiador também deve interessar-se pelo não dito, o oculto, o fugidio, ocupando-se em detectar aquilo que, voluntária e involuntariamente, calcava os discursos ou que, consciente ou inconscientemente, ficava oculto, decifrando as entrelinhas do que é dito.

Em seu livro *O queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*, Ginzburg (1995) investigou a vida de Domenico Scandella, um camponês do século XVI, conhecido como Menocchio entre os camponeses que viviam na mesma ambiência histórica. A história de Menocchio, na curta duração, não é apenas um relato extraordinário de um personagem peculiar. Por meio da narrativa histórica na escala do

macro referindo-se a acontecimentos históricos de longa e de longuíssima duração, como por exemplo, a transição do artesanato à manufatura, o avanço do protestantismo, a realidade da imprensa e o crescimento da cultura escrita, o autor nos conta a história de um moleiro pertencente à classe subalterna de uma Itália, em meio a uma rede de circulação de textos deu corpo a uma reflexão sobre a escrita da história, suas dificuldades, desafios e possibilidades.

Ao pesquisar a vida de Menocchio, Ginzburg encontrou uma saída interessante ao confrontar e analisar os depoimentos escritos. A abordagem do autor aos processos examinados, permitiu-lhe a percepção de posicionamentos não induzidos pelos inquisidores, mas informações que compunham a visão de mundo dos elementos das classes subalternas, constatando portanto, que tais depoimentos, embora escritos por membros do clero, consistiam em fontes diretas e confiáveis para apreender os valores, os extratos da cultura popular populares, mesmo que estes valores tivessem elementos da cultura hegemônica.

Sobre o tratamento das fontes de pesquisa, Ginzburg (1995) afirma que: “se a documentação nos oferece a oportunidade de reconstruir não só as massas distintas como também personalidades individuais, seria absurdo descartar as últimas” (p. 26); ou ainda chama a atenção: “desprezar documentos por serem exíguos ou dispersos podem induzir muitos historiadores a jogar a criança fora junto com a água da bacia” (p.22). Com uma documentação, em sua maior parte procedente do Santo Ofício, dos ombros do inquisidor recolhe elementos que nos dá a ver um importante fragmento da cultura camponesa da Itália Medieval.

Sem dúvida nenhuma, é possível encontrar na recente historiografia inúmeras possibilidades de garimpagem, organização, categorização e diálogo com uma diversidade de fontes e com a experiência do historiador de ofício.

Quando há possibilidade de realizar entrevistas, ou mesmo quando são encontrados textos memorialistas, um procedimento importante é o de entrecruzar a diversidade de fontes, buscando realizar - quando possível - conexões com o contexto mais amplo, na perspectiva de detectar as redes de relações existentes entre o indivíduo personagem e a ambiência histórica na qual encontra-se inserido. Todo este procedimento pode ser orientado pelas perguntas da pesquisa, por sua vez decorrentes do exame das fontes de pesquisa.

Entrevistas e informações retiradas de textos

Esse debate sobre os procedimentos historiográficos, principalmente em relação aos usos das fontes de pesquisa e sobre os vários olhares para a realização da pesquisa

historiográfica, tem inspirado o meu trabalho com a reconstituição da trajetória educativa de José Oiticica iniciado em fevereiro de 2005 no Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: História, Política, Sociedade. É sobre tais procedimentos historiográficos, que o texto pretende se ocupar, respeitado os limites desta comunicação.

Entre os procedimentos historiográficos utilizados em minha pesquisa: coleta, organização, categorização e análise dos livros e artigos jornalísticos de José Oiticica, correspondências, realizei entrevistas e tenho recolhido lembranças sobre as aulas que este professor ministrava no Colégio Pedro II e utilizei alguns textos memorialistas de ex-alunos desta instituição, (considerada durante décadas do Império e República brasileira como modelo a ser seguido por outros estabelecimentos escolares do Brasil), em geral, lembranças sobre as aulas ministradas por Oiticica.

Realizei entrevistas abertas com dois colaboradores: um ex-aluno do Colégio Pedro II, que foi avaliado por José Oiticica no exame de admissão ao ensino ginásial, como era chamada naquela época uma parte do hoje ensino fundamental (da quinta a oitava séries do antigo curso ginásial), e com Sônia Oiticica, a sétima dos oito filhos de José Oiticica. O primeiro colaborador disponibilizou duas entrevistas com gravação de uma hora. A segunda colaboradora foi entrevistada em quatro sessões, totalizando aproximadamente oito horas de gravação. Essas entrevistas foram gravadas e transcritas pela pesquisadora.

Sônia Oiticica, nascida em 19 de dezembro de 1918, para além da convivência familiar, acompanhou com proximidade as atividades intelectuais de seu pai. Cresceu assistindo a conferências e palestras da propaganda social anarquista e lendo os artigos, livros e as poesias de seu pai, o catedrático do Colégio Pedro II, que era, ao mesmo tempo, um ativista das ações da propaganda social anarquista. Chegou a trabalhar como sua assistente nas aulas de grego na Faculdade de Letras do então Distrito Federal, em 1937, substituindo-o por ocasião de uma de suas prisões. No entanto, Sônia não seguiu carreira da docência. Tornou-se atriz, uma profissional dos palcos e da televisão. Tinha trinta e nove anos quando seu pai faleceu. Somam-se, dessa forma, quase quatro décadas de lembranças. Delas, algumas ajudam a compor as várias faces do catedrático anarquista do Colégio Pedro II.

As lembranças das entrevistas coletadas e transcritas literalmente por mim tem sido entrecruzadas com as memórias de militantes anarquistas parceiros de José Oiticica em seu trabalho desenvolvido em vários jornais e revistas da imprensa anarquista, confrontadas com artigos e correspondências deste intelectual e com as memórias de sujeitos que foram seus alunos no Colégio Pedro II.

Os procedimentos que antecederam a coleta destas entrevistas, bem como as transcrições das mesmas, tiveram como inspiração o livro de Paul Thompson *A voz do passado – História oral* e o tratamento historiográfico tem sido realizado em confronto com outras fontes de pesquisa já mencionadas.

Lembrar é refazer, reconstruir, repensar com idéias do tempo presente, as experiências do passado próximo ou distante. Nesse sentido, cabe considerar que as reconstruções das cenas narradas por aqueles que tiveram aulas com o professor José Oiticica demandam por exemplo, atenção aos detalhes das cenas guardadas por estes e aqueles sujeitos. Dessa reconstrução deve-se reter o seu princípio central.

Para operar com essas fontes secundárias, faço uso da proposição de Eclea Bosi (2004: p. 51-55) sobre o significado a ser atribuído a memória:

A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado “tal como foi”, e que se faria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual [...].

[...] Antes de ser atualizada pela consciência, toda lembrança “vive” em estado latente, potencial. Esse estado, porque está abaixo da consciência atual (“abaixo”, metaforicamente), é qualificado de “inconsciente”. Importa, porém, reter seu princípio central da memória como conservação do passado; este sobrevive, quer chamado pelo presente, sob a forma de lembranças, quer em si mesmo, em estado inconsciente.

As lembranças recolhidas sobre José Oiticica são multifacetadas e não são compreendidas como o passado tal qual foi, pois uma lembrança é sempre uma imagem construída no tempo presente e faz parte de um conjunto de representações que povoam a consciência do autor que as escreve. Além dos filtros utilizados na transformação da lembrança em texto escrito, existem os filtros das representações que interferem em sua composição.

Referências bibliográficas:

- DUBY, George. 1988. *En la historia de la historia*. In Diálogos sobre la historia; conversaciones con Guy Lardreau. Madrid: Alianza.
- GINZBURG, Carlo. 1995. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia das Letras.
- _____. 2001. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia das Letras.
- LE GOFF, Jacques. 1990. *A história nova*, 1º ed. São Paulo: Martins Fontes, tradução Eduardo Brandão.

- LORIGA, Sabina. 1998. “A biografia como problema” In REVEL, Jacques (org.) *Jogos de Escalas – A experiência da microanálise*, São Paulo: Fundação Getúlio Vargas Editora Tradução Dora Rocha, pp 225-249.
- RAGO, Margareth. 2001. *Entre a história e a liberdade – Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*, São Paulo: Editora UNESP.
- THOMPSON, Paul. 2002. *A voz do passado - História Oral*, 3ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. 1998. *Mário Lago - boemia e política*, 2ª edição, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.